

# As ressignificações temporais de culturas urbanas na cena brasileira<sup>1</sup>

Éverly Pegoraro<sup>2</sup>

## Resumo:

Este artigo traz algumas reflexões sobre culturas urbanas brasileiras que ressignificam temporalidades. Os participantes (re)elaboram criativos eventos, desde jantares da Idade Média a piqueniques da Era Vitoriana, hibridizando narrativas, personagens e tempos históricos, literários e provenientes da cultura da mídia. Por meio de programações culturais, estratégias de socialidade e variadas performances – que se tornam verdadeiras operações memoráveis – os participantes manifestam diferenciadas perspectivas sobre como entendem as construções sociais de passado, presente e futuro. Percebe-se que, de temporalidades idealizadas, ficcionais ou verídicas, eles procuram dar coerência às suas próprias subjetividades.

**Palavras-chave:** Cultura juvenil, temporalidade, socialidade.

## Abstract:

This article reflects on Brazilian urban cultures which re-signify temporalities. The participants (re)elaborate creative events, from medieval dinners to picnics of the Victorian Era, hybridizing historical, literary and media narratives, characters and historical times. Through cultural events, strategies of sociality and varied performances – that become memorable operations – the participants express different perspectives on how they understand the social constructions of the past, present and future. It is noticed that, from idealized, fictional or true temporalities, they intend to get coherence to their own subjectivities.

**Keywords:** Youth Culture; temporality, sociality.

Artigo recebido em: 11/03/2016

Aceito em: 08/07/2016

<sup>1</sup> Uma prévia deste texto foi apresentada no 9º Sopcom, em Coimbra, Portugal, em novembro de 2015.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, em Guarapuava, no Paraná. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Interfaces Socioculturais.

## Introdução

Piqueniques vitorianos, passeios de trem, caminhadas históricas, conversas regadas a café e História. Essas são algumas atividades que têm empolgado participantes, em diferentes regiões do Brasil, a se reunirem para ressignificar outros períodos históricos, como a Era Medieval e a Era Vitoriana. Em tais programações, eles investem em indumentárias de época ou performatizam temporalidades híbridas, pois misturam construções de passado, presente e até mesmo de futuro.

Este artigo traz algumas reflexões sobre a relação que culturas urbanas dessa natureza estabelecem com a temporalidade. Parte-se do pressuposto de que seus participantes propiciam um variado leque de novas formas de socialidade e do que se entende por temporalidade. Eles reapropriam-se de narrativas históricas, midiáticas e ficcionais, por meio de diferentes performances que acabam por traduzir as narrativas desses participantes sobre como compreendem as construções sociais sobre passado, presente e futuro. O diversificado repertório visual e textual disponível sobre as diferentes épocas fomenta a imaginação deles. As performances transformam-se em visualidades específicas, materializando imaginários de época, instigando as subjetividades dos envolvidos e inquietações de natureza espaço-temporal. Como Merleau-Ponty (1984) aponta, a ação de ver realiza-se no mundo pela corporeidade, colocando a experiência visual em consonância com o corpo.

Para acompanhar essas reflexões teóricas (ainda em fase exploratória), alguns agrupamentos que constroem temporalidades diversas no cenário brasileiro são apresentados. Os participantes envolvidos, por meio de diferentes programações culturais que acabam por se tornar operações memoráveis, ainda que nem sempre pautadas pelo verídico que norteia o tempo histórico, algumas são intencionalmente fictícias. Pode-se dizer que tais estratégias tornam-se formas de narrar as construções sociais de tempo (ELIAS, 1998), ou seja, as temporalidades, vivenciadas (ou almejadas) pelos participantes.

## Em tempos de temporalidade híbrida

Não é novidade que a percepção da temporalidade se configura contemporaneamente por uma confusão entre os limites outrora bem definidos entre passado, presente e futuro. Entretanto, o que se percebe é que a dimensão temporal parece adquirir fundamental importância para algumas culturas urbanas, por meio de diferenciadas estratégias: nostalgia, presenteísmo, futurismo, retrofuturismo, temporalidades híbridas e/ou fictícias. Os diferentes conceitos de temporalidade que os participantes propõem se potencializam em narrativas históricas, em práticas culturais e estratégias de socialidade. Eles lançam formas diferenciadas de conceber o tempo, de ação sobre o mundo e de subjetividades.

Sabe-se que a discussão sobre tempo/temporalidade é densa. Para além do tempo físico, que se mantém num compasso independente do homem, há o tempo psicológico, que se refere à percepção de cada um, que só se faz compreender por meio da experiência vivida, que dá sentido ao transcorrer das ações que estabelecem a linearidade temporal e, conseqüentemente, as definições de passado, presente e futuro (COMTE-SPONVILLE, 2000). É a partir dessas características que a concepção de temporalidade adotada nesta pesquisa baseia-se.

Isso leva a pensar na significação de um conceito de temporalidade que articula imaginários, formas de manejar as relações temporais e agenciamentos da cultura da mídia que se integram como os aportes das performances narrativas desses agrupamentos. Eles desenvolvem uma forma própria de narrar e de construir sentidos de temporalidade, em que o passado e/o futuro têm destaque, distorcendo a concepção de um contexto presenteísta que, geralmente, vem atrelado às gerações contemporâneas. Hartog (2013) define como regime de historicidade as formas como as diferentes sociedades lidam com as relações entre presente, passado e futuro. O autor elenca basicamente três grandes regimes no mundo ocidental. A atual crise do tempo ou colapso da experiência temporal seria definida como “presentismo”. Este regime seria marcado pelo esgotamento dos anseios de futuro e progresso, mas um presente absoluto ditado pela tirania da cultura midiática e tecnológica.

As propostas dos participantes que buscam outras temporalidades embaralham o argumento da soberania do “presentismo”. Os mapas cognitivos (MARTÍN-BARBERO, 2004) que eles propõem são complexos, múltiplos, diversos, interconectam outras concepções de temporalidade que tentam hibridizar épocas e valores, questionando a racionalidade sistemática do contemporâneo.

Narrar também é uma forma de estar no mundo e compreendê-lo. Por meio de performances narrativas (que incluem personagens criados, programações culturais, produções audiovisuais e outras tantas criações), eles manifestam diferenciadas perspectivas sobre como entendem as construções de temporalidades. O fio da história que vem sendo costurado por eles aponta operações memoráveis que nem sempre buscam o estatuto de veracidade que confere legitimidade às narrativas históricas. De um passado romantizado a criações de temporalidade híbrida, de passados recentes a longínquos, do futuro do pretérito ao ambiente futurista idealizado, os participantes procuram dar coerência às suas próprias temporalidades (FEIXA, 2003).

## **Ressignificações temporais como estratégias de socialidade**

Neste delineamento inicial sobre as culturas urbanas que resignificam diferentes temporalidades, é possível perceber que a participação envolve pessoas de

uma faixa etária diversificada<sup>3</sup>. Tais grupos caracterizam-se como culturas urbanas, no sentido empregado por Maffesoli (1987), integrando um pertencimento neotribal efêmero, fluido, disperso, sem imposições e limitações rígidas. Pode, também, representar simplesmente a chance de participar de uma programação diferente ou até mesmo adquirir objetos com “aura de passado”, já que alguns dos eventos promovidos contam com artistas que negociam criações personalizadas.

Para muitos céticos, não são as roupas ou a suposta nostalgia pelo passado que chama a atenção, mas o fato de “homens” e “mulheres”, ou seja, pessoas “adultas”, promoverem cenas com caracterização indumentária, criação de personagens e até encenações. Os grupos mapeados para essa pesquisa promovem piqueniques históricos, cafés ou chás da tarde, caminhadas por centros históricos, passeios de trem, palestras temáticas. Nestas ocasiões, eles procuram seguir a rigor a(s) época(s) escolhida(s), por meio de trajes, maquiagem, acessórios e comportamento.

Isso remete à argumentação feita por Borelli (2008) que, amparada nas discussões anteriores de Edgar Morin, salienta como há uma profunda cisão historicamente hegemônica entre imaginário e real, fantasia e realidade, objetividade e subjetividade.

A equivocada separação entre elementos que poderiam ser concebidos de forma indissociável, como, por exemplo, na perspectiva do “duplo” moriniano (Morin, 1979, 1997), supõe que adultos devam ser prioritariamente lógicos e racionais – *sapiens*, portanto! –, e restaria às crianças, enquanto não crescem, as possibilidades amplas de fantasiar, imaginar, subjetivar. (BORELLI, 2008. p. 63-64)

Borelli (2008) argumenta que o rompimento de fronteiras etárias que atualmente configura o interesse dos mais diversos públicos por produtos culturais outrora configurados como “coisa de adolescente” explica-se pelo fato de as matrizes culturais invadirem fronteiras e dialogarem com variados segmentos. Dessa forma, a autora afirma que há, no cenário contemporâneo, uma sociedade imersa em um processo de juvenilização da cultura que ultrapassa as delimitações tradicionais entre infância, adolescência e vida adulta. Os co-participantes desse processo são oriundos de diversos segmentos geracionais, étnicos, de gênero, de classes sociais, mas compartilham repertórios e gostos provenientes de diferentes produtos culturais e midiáticos. Neste sentido, também é possível enquadrar os grupos aqui estudados como culturas juvenis, pautando-se, em seu delineamento, não pela faixa etária dos participantes, mas pelas identificações deles com interesses culturais, históricos e midiáticos semelhantes, que os levam a desenvolverem performances e programações em que narrem as suas percepções a respeito do tempo (seja ele passado, presente ou futuro).

<sup>3</sup> A pesquisa está em seu início e, portanto, ainda não é possível detalhar um perfil sociocultural dos participantes. As informações aqui apresentadas fazem parte de um mapeamento inicial de estudo, pautando-se por buscas nas redes sociais dos agrupamentos citados e de pesquisa realizada anteriormente com uma cultura urbana retrofuturista em Curitiba (PR): o *steampunk*.

O argumento de que a juventude é uma construção social é sustentado, também, por Reguillo Cruz (2007). Na contramão daqueles que visualizam nas práticas juvenis apenas grupos de indivíduos desajustados, alienados ou consumistas passivos, esta pesquisadora diagnostica as diversas estratégias adotadas pelos jovens contemporâneos como formas de atuação política, estética e cultural não institucionalizadas.

Entre los jóvenes, las utopías revolucionarias de los setenta, el enojo y la frustración de los ochenta, han mutado, de cara al siglo veintiuno, hacia formas de convivencia que, pese a su acusado individualismo, parecen fundamentarse en un principio ético-político generoso: el reconocimiento explícito de no ser portadores de ninguna verdad absoluta en nombre de la cual ejercer un poder excluyente. (REGUILLO CRUZ, 2007, p.14)

Ao promoverem novas estratégias de socialidade, estas culturas urbanas de resignificação temporal constituem espaços de produção e circulação de saberes. Reguillo Cruz (2007) propõe a concepção de cidadania cultural, pois os participantes inauguram novos lugares de enunciação e comunicação, de participação política e práticas culturais, por meio de performances de alta visibilidade.

La visibilización se convierte en nueva estrategia política. La carnavalización de la protesta, la dramatización de los referentes identitarios, la imaginación para captar la atención de los medios de comunicación, trastoca las relaciones en el espacio público y señala la transformación en los modos de hacer política. El tema de la visibilidad es un asunto clave en que toca a la reconfiguración de las formas sociopolíticas del mundo. (REGUILLO CRUZ, 2007, p. 148)

As visualidades resultantes desses grupos são resultado de hibridismos que ressignificam tradições e temporalidades. Observe-se, por exemplo, dois grupos brasileiros que gravitam em torno de épocas históricas próximas: o *Picnic Vitoriano de Curitiba* e a *Sociedade Histórica Destherrense*.

O primeiro dedica-se a reelaborar principalmente a época vitoriana, em elegantes eventos, com damas e cavalheiros da sociedade, em Curitiba (PR). Eles apreciam os rituais cerimoniais, tanto em âmbito social como nas relações interpessoais, como se pode observar no texto introdutório do grupo na internet:

Houve uma idade de guerreiros corajosos, um tempo de donzelas que coziam [sic] um vestido durante meses, uma época de escandalosas damas exageradamente ataviadas, um período de elegantes cavalheiros que davam bailes e faziam pedidos formais de casamento, uma era de enormes avanços científicos, tecnológicos e artísticos. Momentos que vibram no coração dos apaixonados por esses séculos que podemos reviver e recriar!<sup>4</sup> (PICNIC VITORIANO, *on line*)

Hobsbawn e Ranger (1997) defendem que muitas tradições parecem antigas, mas na verdade são recentes ou até mesmo inventadas. Portanto, os autores concei-

<sup>4</sup> Disponível em <http://picnicvitorianocwb.com/page/6/>. Acesso em 25 fev. 16.

tuam como tradição inventada ao processo de formalização e ritualização, composto por um conjunto de práticas que objetiva imprimir valores e normas comportamentais através da reiteração, insinuando uma continuidade em relação a um passado apropriado. As tradições inventadas são indícios que ajudam a esclarecer as relações humanas com o passado (HOBSBAWN E RANGER, 1997). Essas culturas urbanas de temporalidade ressignificada intencionalmente reelaboram tradições inventadas, abrindo novos caminhos de interpretação de costumes.

Com sede em Florianópolis (SC), a *Sociedade Histórica Destherrense*, em sua página na internet<sup>5</sup>, afirma ser um grupo de pessoas interessadas em recriação histórica e discussões sobre o período compreendido entre a Revolução Francesa (1789) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente nos aspectos culturais, econômicos, políticos, comportamentais e estéticos. Para isso, a programação é variada: passeios históricos, palestras, chás da tarde. Observe-se o convite para o 4º *Encontro Vitoriano: Grandes Romances Oitocentistas*, realizado em junho de 2015:

É uma verdade universalmente reconhecida que um leitor afortunado, na posse de um belo livro, gostaria de viver as histórias que lê. Das heroínas cândidas de Jane Austen – e vários inevitáveis suspiros por Mr. Darcy – às criaturas sombrias de Mary Shelley e Bram Stoker, a literatura do século XIX é povoada de obras-primas e personagens complexas e inesquecíveis. Quantos leitores de Dom Casmurro não perderam o sono tentando entender se Capitu realmente traiu Bentinho? Para o 4º Encontro Vitoriano de Florianópolis, a Sociedade Histórica Destherrense convida você a mergulhar no universo da literatura oitocentista. Escolha uma história de sua preferência (conto, crônica, romance, peça de teatro ou ópera), caracterize-se como seu personagem favorito e junte-se a nós para um agradável chá da tarde.<sup>6</sup> (SOCIEDADE HISTÓRICA DESTHERRENSE, *on line*)

O hibridismo temporal de tais culturas urbanas deve-se ao fato de as percepções de presente interferirem nas reelaborações propostas nas atividades, seja dos grupos como os dois acima mencionados, que enfocam o passado, seja naqueles agrupamentos que partem de premissas retrofuturistas, tais como a cultura urbana denominada de *steampunk*, nas quais há misturas de presente, passado e futuro nas criações.

É interessante a metáfora do relógio usada por Feixa (2003) para caracterizar as relações que se estabelecem entre o tempo e a juventude. Para ele, da mesma forma que o conceito de juventude é uma construção social, a juventude constrói socialmente o tempo, pois elabora, adapta e, no caso das culturas urbanas estudadas aqui, transgride modalidades de vivência temporal. O autor caracteriza a geração atual e suas concepções de tempo a partir do funcionamento do relógio digital.

Con la emergencia de la posmodernidad, la medida del tiempo se hace mucho más precisa y ubicua (los relojes están omnipresentes en cualquier rincón de nuestra vida cotidiana), pero al mismo tiempo mucho más relativa, descentrada y ambivalente (el tiempo depende del contexto espacial desde el que se calcula, no tiene un único organismo que lo regule y puede estar en función de la perspectiva de diversos observadores). Una de las características del tiempo digital es que permite reprogramar constantemente el inicio, final, duración

5 Disponível em <http://shdestherrense.com/home/sobre/>. Acesso em 25 fev. 16.

6 Disponível em <http://shdestherrense.com/home/4o-encontro-vitoriano-grandes-romances-oitocentistas/>. Acesso em 4 dez. 15.

y ritmo de una determinada actividad: se crea um auténtico tiempo “virtual”, cuya “realidad” depende del ámbito en el que se produce. (FEIXA, 2003, p. 18)

Na argumentação do autor, esta comparação serve para delinear uma espécie de filosofia da desaceleração, que se baseia em uma concepção mais plural de tempo. Esta perspectiva propicia aos jovens se “destemporalizarem”, com a criação de “não-tempos” e “não-lugares”. Tais “limbos sociais” estimulam o nomadismo social e uma concepção virtual de idade, na opinião de Feixa (2003), pois há constante rompimento de regras e características geracionais.

Os “limbos sociais” diagnosticados pelo autor também propiciam a criação de espacialidades e temporalidades próprias – que podemos relacionar com um hibridismo temporal – potencializadas pela cultura midiaticizada. Os agenciamentos resultantes propiciam a elaboração de variadas performances de ressignificação temporal, que podem ser analisadas nas práticas culturais e comunicacionais na urbanidade das experimentações juvenis.

Aliás, as estratégias lúdicas e performativas são traços marcantes da própria contemporaneidade, salienta Maffesoli (2009). Para ele, o ludismo é uma forma de expressão, encarnado nos mais diversos rituais da vida cotidiana, cuja produção de sentido se constrói na partilha.

Alguns autores chegam a lançar a hipótese de uma influência neobarroca à propensão pelo lúdico e pelo visual (MACHADO, 2006; CALABRESE, 1999).

Outras características do barroco matizam as culturas juvenis contemporâneas. A começar pelas metáforas, alegorias e suas significações ocultas. [...] Na metáfora sobressai a idéia de metamorfose e o inter-relacionamento lúdico do ser e do parecer. É certo que, sob a aparência do metafórico, o real sobrevive. Mas sobrevive como uma insinuação persuasória por meio de uma rebuscada procura de associações extravagantes. As mudanças de imagem que alguns jovens fabricam, quando recorrem a formas alegóricas, arrastam uma troca sucessiva de prevalência entre o ser e o parecer. (MACHADO, 2006, p. 16)

As performances dos participantes das culturas urbanas que ressignificam temporalidades – manifestas nas idealizações romantizadas de passado, nas indumentárias e na cena (STRAW, 2013) criada por eles –, permitem-lhes ampliar o quadro de interações comunicativas, experimentar outras temporalidades, ficcionalizar tempos e histórias de acordo com seus interesses mais imediatos.

Os eventos dessas culturas urbanas apontam a conexão de dois elementos: a importância do visual em suas caracterizações identitárias e a corporeidade das experimentações. A cultura visual tem um papel preponderante nas configurações de imaginários nas culturas urbanas contemporâneas. Maffesoli (1995) argumenta que a imagem torna-se uma espécie de elo entre os participantes das neotribos. O visual, através de diferentes processos e produtos, torna-se um elemento propiciador de

trocas simbólicas e de reconhecimento identitário para as culturas urbanas. Das práticas resultantes, têm-se um conjunto que emerge com uma visualidade específica capaz de legitimar um espaço próprio de socialidade.

Os participantes instauram novas estratégias de comunicação e práticas cotidianas, que são adaptáveis, abertas e em constante processo de transformação. Através dessas novas formas de se expressar, não mais limitadas ao âmbito discursivo da palavra escrita, eles contestam representações de mundo. Grande parte das intervenções comunicativas da cultura juvenil foi convertida em práticas do espaço e do corpo, de acordo com Carrion (2007). São sujeitos que emergem em um contexto marcadamente imaginal e emocional. Por isso, principalmente nesses agrupamentos urbanos, percebe-se a importância das experiências marcadas pela corporeidade.

Martín-Barbero e Rey (2004) diagnosticam um hibridismo entre visualidades e oralidades como característico das complexas relações culturais que se produz no contexto contemporâneo, o que, por sua vez, introduz novas discursividades. Nesse contexto definido pelos autores como “des-ordem cultural”, há o entrelaçamento entre memória e imaginário, trazendo à tona saberes-mosaico, feitos de intertextualidades e bricolagens.

Pois o *des-ordenamento cultural* que atravessamos se deve, em grande medida, ao entrelaçamento cada dia mais denso entre os modos de simbolização e ritualização do laço social com os modos de operar dos fluxos audiovisuais e das redes comunicacionais. O estouro das fronteiras espaciais e temporais, que eles introduzem no campo cultural, des-localiza os saberes, deslegitimando as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, ciência e arte, saber especializado e experiência profana. (MARTÍN-BARBERO e REY, 2004, p. 18)

Dessa forma, o passado torna-se uma espécie de armazém de enredos culturais (APPADURAI, 2004, p.47), ao qual os adeptos recorrem para suas criações. Nelas, há cristalizações que influenciam as formas formantes (MAFFESOLI, 1996) do imaginário sobre as diversas temporalidades pesquisadas, misturadas e ressignificadas. Produtos da cultura da mídia e personagens literários também são integrados neste repertório.

O convite para participar do II Banquete Medieval Schola Militum exemplifica esta estratégia. De acordo com os organizadores, o evento realizado em São Paulo (SP), em junho de 2015, se espelhava na Idade Média, ofertando um festejo com “comida, bebida e boa música”. Até o cardápio procurava seguir à risca as características medievais. A forma de despertar o interesse dos entusiastas da Idade Medieval e de propiciar uma visualidade de referência foi citar o emblemático episódio “Casamento Vermelho”, da série *Game of Thrones*.

Game of Thrones tem dragões, mas apesar de ingredientes fantásticos é uma série mais realista do que você poderia esperar e o Banquete é um desses elementos históricos presentes. No infame Casamento Vermelho (Red Wedding) vemos o nobre Robb Stark, Rei do Norte, com sua família e seguidores serem assassinados no meio da celebração pelo anfitrião e seu vassalo lorde Walder Frey. Os acontecimentos do Casamento Vermelho, como grande parte do resto de Game of Thrones, são inspirados em fatos reais da história europeia medieval. O Casamento Vermelho é baseado no *The Black Dinner* (1440), parte integrante da história da Escócia na luta pelo poder entre o rei escocês e os nobres do clã Douglas, mortos por “traição” durante o banquete no castelo do monarca. Ofereceremos a vocês esse Banquete de modo a sedimentar novas amizades e vínculos entre nós e os convidados. Contudo, não se preocupem, pois respeitaremos as leis da generosidade.<sup>7</sup>

As conceituações de Zumthor (2007) sobre performance auxiliam a compreender as variadas possibilidades que se estabelecem na apropriação dos textos (incluindo aqui não apenas os literários, mas as narrativas históricas, as histórias em quadrinhos, os jogos de RPG e outros produtos da cultura da mídia) nas experiências dos envolvidos nestes agrupamentos urbanos. Recuperando as concepções de Merleau-Ponty, Zumthor (2007) defende que há um comprometimento empírico na apreensão do texto que vai além do discurso da palavra escrita e é concretizado no engajamento do corpo.

Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. (ZUMTHOR, 2007, p. 50)

É por isso que a performance modifica o conhecimento, atualizando virtualidades e concretizando imaginários. É uma conduta na qual o sujeito assume abertamente sua responsabilidade, diz o autor. As situações criadas pelos grupos ultrapassam o contexto das narrativas que lhes deram origem. Os personagens agregam elementos da História, da ficção, da cultura da mídia, que são continuamente performatizados nos contextos individuais, locais e culturais dos participantes.

E é nesse amálgama de visualidades, sonoridades e imaginários que os participantes dessas culturas urbanas, por meio de performances, conectar-se e ressignificar outras temporalidades – principalmente de passado – para dar um sentido de coerência e continuidade ao seu tempo presente (FEIXA, 2003). Estas temporalidades ressignificadas, idealizadas, fictícias ou verídicas não esvaziam o sentido de vida atual de seus participantes, pelo contrário, ela serve de tecido para amarrar fragmentos de memórias, de visualidades e imaginários de época com os quais os envolvidos nestas culturas urbanas constroem suas subjetividades. As performances narrativas corporificam saberes provenientes das “experiências sensoriais” (MARTÍN-BARBERO, 2008) que misturam espaço, tempo e memória.

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/scholamilitum/?fref=ts>. Acesso em 30 mai. 15.

## Considerações Finais

Ricouer (2007) diz que toda recordação é uma busca por aquilo que se teme ser esquecido. Os participantes de culturas urbanas de ressignificação temporal usam esta estratégia para justificar o interesse por outros tempos e lugares, mas vão além desse intuito, já que não congelam a memória de outras temporalidades. Eles reconstroem imaginativamente uma memória de tempo, articuladas por meio do retroconsumismo e da cultura da memória. Huyssen (1996; 2000) argumenta que há um obsessivo fascínio contemporâneo pelo passado, como resultado de uma série de fatores interligados e complexos. Para ele, mesmo que toda memória dependa de algum acontecimento ou alguma experiência vinculada ao passado, qualquer ato memorável é sempre relacionado ao presente, e não ao próprio passado. Portanto, para o autor, a obsessão dos dias atuais com a memória sinaliza uma crise da estrutura de temporalidade que marcou a modernidade, com sua celebração do novo como utópico e radical. “Portanto, nós não estamos apenas experimentando outro surto de pessimismo e crítica ao progresso, mas vivendo a transformação da estrutura de temporalidade moderna em si. Cada vez mais, em anos recentes, o futuro parece se dobrar numa volta ao passado.” (HUYSSSEN, 1996, p. 19)

As culturas juvenis se expressam por meio de códigos próprios, símbolos e linguagens diversos, propiciando formas específicas de ver e experimentar o mundo, concretizando-se em visualidades que performatizam. A interconexão entre culturas juvenis e temporalidades aqui proposta sugere que a “interpretação se constitui como prática social que mobiliza a memória do ver, aciona e entrecruza sentidos da memória social construída pelo sujeito. Influenciadas pelo imaginário do lugar social as interpretações configuram processos de construção de sentidos e significados.” (MARTINS, 2006, p.73). Os participantes dessas culturas urbanas de ressignificação temporal têm à disposição um vasto “repertório de passado”, mas cada um interpreta a sua maneira este conhecimento, de acordo com sua visão de mundo, seus *hobbies*, seu conhecimento próprio, seu imaginário de passado, elementos que, no conjunto, estabelecem conexões para a reformulação de uma visualidade temporal híbrida.

Nestas ressignificações, há formas de interação comunicativa e percepções de mundo que refletem fissuras espaço-temporais da cultura tecnológica delimitadora de subjetividades no contemporâneo. A potência criadora dos participantes aqui apresentados aponta sintomas que vão além da simples experimentação prazerosa ou modos imprevistos de pensar e agir. Se tais performances forem vistas como simples aceitação passiva de estilos mercantilizados, despreza-se focos diferenciados de sentidos coletivos, em que se desenvolvem novas experimentações políticas, sociais, culturais, estéticas. Como Maffesoli (1987; 1995) sugere, a potência subterrânea que emerge dos agrupamentos contemporâneos pode ser uma tática de refúgio à hiper-racionalização do cotidiano.

Não há como negar, nestas culturas urbanas, certo idealismo de passado com pinceladas nostálgicas, mas não se encerra aí. Essas culturas urbanas performatizam narrativas de temporalidade, até mesmo recriando tempos alternativos, o que aponta um contexto mais amplo de cultura da memória e retroconsumismo, que mistura passado fantasioso, criações futurísticas, críticas ao presente, inquietações e reflexões quanto ao futuro. Não é pura nostalgia, não é presenteísmo: é a construção de uma temporalidade intencionalmente ficcional (seja de passado, presente, futuro, ou a mistura de todos eles). Percebe-se, nas pesquisas feitas até agora, que esses jovens propõem uma forma de resistência à percepção de aceleração temporal, por meio de estratégias de relativização da própria identidade e da criação de espaços diferenciados de socialidade e de comunicação (PEGORARO, 2015). A cena criada por eles ocorre em apropriações públicas e criativas de espaços urbanos, verdadeiros palcos de performances narrativas que propiciam formas de crítica, convivência e participação fora do âmbito *mainstream* das manifestações estéticas e culturais.

## Referências

BORELLI, S. Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter. In: BORELLI, S. H.; FREIRE FILHO, J. (orgs.). (2008) *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, pp. 59-77.

CALABRESE, O. (1999). *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70.

CARRION, A. M. (2007, septiembre). Tácticas de comunicación juvenil: intervenciones estéticas. In: *Revista de Estudios de Juventud*. Culturas y Lenguajes Juveniles. nº 78, pp. 11-23.

COMTE-SPONVILLE, A. (2000). *O ser-tempo*. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, N. (1998). *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FEIXA, C. (2003, jul./dec.). Del reloj de arena al reloj digital – sobre las temporalidades juveniles. *Revista de Estudios sobre Juventud*, v. 19, pp. 06-27. Recuperado em 4 mai. 15, de [http://www.catunescomujer.org/catunesco\\_mujer/documents/Del\\_reloj\\_de\\_arena](http://www.catunescomujer.org/catunesco_mujer/documents/Del_reloj_de_arena)

\_al\_reloj\_digital.pdf.

HARTOG, F. (2013). *Regimes de historicidade - presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

HOBSBAWN, E. RANGER, T. (1997). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HUYSSSEN, A. (1996). *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

MAFFESOLI, M. (2009). *O mistério da conjunção*. Ensaaios sobre comunicação,

corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina.

\_\_\_\_\_. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

\_\_\_\_\_. (1987). *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

MARTÍN-BARBERO, J. REY, G. (2004). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. 2. ed. São Paulo: Senac.

MARTÍN-BARBERO, J. (2002, fev.). Jóvenes: comunicación e identidade. *Revista Pensar Iberoamérica*, nº 0. Recuperado em 6 mar. 15, de <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>.

MARTINS, R. (2006, jan./dez). Porque e como falamos da cultura visual . *Visualidades* – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Goiânia, Vol. 4, n.1 e 2, pp.64-79.

MERLEAU-PONTY, M. (1984). O olho e o espírito [1960]. In: *Textos Escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural.

MIRZOEFF, N. (2011). *The right to look*. A counterhistory of visibility. Duke University Press.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. EUGENIO, F. (orgs.). (2006). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 7-21.

PEGORARO, É. (2015). *No compasso do tempo steampunk: o retrofuturismo no contexto brasileiro*. São Paulo: Paco Editorial.

REGUILLO CRUZ, R. (2007). *Emergencia de Culturas Juveniles*. Estrategias del desencanto. Colômbia: Grupo Editorial Norma.

STRAW, W. (2013). Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: JANOTTI JUNIOR, J.; SÁ, S. P. de (Org.). *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarmo.